



UMA NOVA PROPOSTA PARA LEITURA DA OBRA MODERNISTA: MACUNAÍMA

Rayra Fabiolla Matos Lopes ¹

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância de realizar leitura completa de obras literárias no Ensino Médio. O objetivo não é apenas discutir a pertinência da leitura completa das obras literárias em detrimento dos fragmentos, mas propor estratégias de leitura que auxiliem o docente nesta mediação para o público-alvo em questão. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico, pois tanto a reflexão como as estratégias propostas são fundamentadas teórica e preferencialmente nas produções de Émerson de Pietre (2007), Antônio Cândido (2011) e Marisa Lajolo (2000) ao confrontarem a recorrente prática da leitura fragmentada de textos literários. Como resultado, apresenta-se uma estratégia de leitura aplicada à obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, para estudantes do Ensino Médio, considerando sua relevância formativa para o jovem leitor no contexto do Modernismo Brasileiro e seu potencial para estimular leitura crítica e formadora do sujeito por meio da literatura na escola.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, Estratégia, Sala de aula.

A NEW PROPOSAL FOR READING THE MODERNIST WORK: MACUNAÍMA

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the importance of reading literary works in full in high school. The objective is not only to discuss the relevance of reading literary works in full rather than reading fragments, but also to propose reading strategies that assist teachers in this process for their target audience. The methodology adopted was a qualitative approach and bibliographical procedure, as both the reflection and the proposed strategies are theoretically grounded, preferably in the works of Émerson de Pietre (2007), Antônio Cândido (2011), and Marisa Lajolo (1993), which address the recurring practice of reading literary texts in fragments. As a result, we present a reading strategy applied to Mário de Andrade's work, *Macunaíma*, for third-year high school students, considering its formative relevance for young readers in the context of Brazilian Modernism and its potential to stimulate critical and formative reading through literature in school.

Keywords: Reading, Literature, Strategy, Classroom.

1 Introdução

Atualmente tem sido cada vez mais difícil estimular o interesse do jovem pela leitura dos clássicos. Isso afeta diretamente o fazer do professor, principalmente de Língua Portuguesa. O estudante que não tem hábito de leitura, obviamente, encontrará dificuldade de interesse na aula de Literatura.

Em virtude disso, além de outros motivos que não são o foco deste trabalho, os professores de Literatura, em sua maioria, têm trabalhado apenas a leitura de fragmentos ou recortes de algumas obras que vem no livro didático. Essa ação comum e, muitas vezes, única para muitas realidades, não alcança com eficácia bons resultados para a formação do leitor, como seriam obtidos mediante a leitura de obras completas.

¹ Pós – graduanda (*lato sensu*) do Curso de Alfabetização e Letramento do Instituto Federal de Goiás – IFG rayrafabiolla@gmail.com.

Dado que este problema implica na formação do sujeito como cidadão, e muitos só terão a oportunidade de acessar, efetivamente, a Literatura na escola, é que este trabalho se torna relevante para academia e sociedade. A leitura integral dos textos literários ainda precisa ser discutida. Os professores de Língua Portuguesa da Educação Básica ainda precisam de auxílio quanto a invenções, adaptações de outras estratégias para aplicarem em sala de aula.

Por esta razão é que este trabalho propõe reflexões sobre a leitura literária integral, em contraposição às superficiais de fragmentos. Busca-se dessa forma, responder à questão: que estratégias de leituras podem ser desenvolvidas pelo professor para favorecer a leitura integral de obras literárias brasileiras, como *Macunaíma*, no Ensino Médio, despertando o prazer dos alunos pela literatura?

Para responder esta questão, o presente trabalho discute a pertinência da leitura literária para a formação do aluno como leitor. Sob essa perspectiva, reflete sobre a prática pedagógica de leituras fragmentadas. E propõe, aos docentes do Ensino Médio, a aplicação da leitura do romance de Mário de Andrade, *Macunaíma*, como um exemplo de prática possível, sugerindo estratégias de leitura que os auxiliem na mediação com o público-alvo em questão.

Para tal fim, este estudo de procedimento bibliográfico, baseia-se nos aportes teóricos, como Candido (2011), Pietri (2007) e Lajolo (2000), os quais apresentam discussões sobre o papel humanizador da literatura e como os fragmentos dos textos não contribuem para este processo. Como fundamento para trabalhar com a obra escolhida, outros pesquisadores e artigos dos últimos dez anos dialogam respondendo à questão. Por estes, também foram selecionadas algumas estratégias de leitura aplicadas a leitura de *Macunaíma*.

Embora a pesquisa traga discussões de teóricos que há anos esmeram-se sobre o assunto em questão, não torna este trabalho uma simples repetição de problemas. Nem mesmo por basear-se em autores e pesquisadores que discutem a leitura de obras literárias na escola, recentemente. Primeiro, porque este problema é recorrente e ainda não foi superado. Segundo, porque o diferencial deste trabalho é propor a prática da leitura de uma obra literária nacional, com ênfase nas estratégias que obtiveram sucesso.

2 Metodologia da pesquisa

Este trabalho refere-se a uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza aplicada, com formato metodológico bibliográfico. Justifica-se a abordagem escolhida por seu objetivo de discutir a pertinência da leitura completa das obras nacionais literárias e propor estratégias de leitura a partir de análises teóricas e literárias voltadas para a formação do leitor no Ensino Médio.

Para Lakatos e Marconi (2017) a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.” (p.183). Assim sendo, a base da pesquisa é composta pelos textos dos teóricos Marisa Lajolo (1993) e Emerson de Pietri (2007) que são essenciais para discussão da formação do leitor na escola, além do livro “Práticas de leitura e elementos para a atuação docente” de Pietri (2007) para a estruturação da estratégia que será proposta nos resultados. Antônio Candido (2011) fundamentará a reflexão formação do leitor.

Conforme discutido por Pietri (2007), propõe-se uma estratégia progressiva e formativa, envolvendo leitura extraclasse e uma aula por semana destinada a uma atividade específica para discutir sobre as leituras realizadas estimulando a leitura dos próximos capítulos. O tempo proposto para realização da leitura da obra é dois meses.

A leitura da obra Macunaíma foi realizada à luz da crítica de Alfredo Bosi (2019) e Luiza Gurgel (2009) para fundamentar a crítica da obra, focando no contexto-histórico, estrutura narrativa e auxílio didático. Sendo assim, foi realizada uma análise documental, crítica-literária e pedagógica. Durante as leituras foram pontuados aspectos estruturais, narrativos e possibilidades didáticas.

A relevância deste trabalho situa-se na contribuição dos resultados obtidos durante esta pesquisa que é mais uma nova proposta para leitura da obra literária Macunaíma, com os alunos do Ensino Médio. A leitura de obras literárias nacionais completas ainda é um tema bem discutido, mas não superado, por isso a importância de continuar as discussões sobre leitura literária em sala de aula e propor estratégias de leituras de obras nacionais literárias. Por ter capacidade de subsidiar professores de Língua Portuguesa na mediação da leitura e alcançar, com diferentes propostas, a formação de leitores literários, é que este trabalho tem relevância acadêmica e social.

Assim, com vistas à contribuição para as discussões sobre a importância da leitura completa das obras literárias, formação do leitor literário e problemas enfrentados em muitas realidades escolares, como limitação de material e tempo disponível em sala de aula frente a tantas demandas. Tal qual, reflexões sobre a obra Macunaíma e, em seguida, proposta de estratégias da leitura da obra para os alunos do Ensino Médio, apresenta-se, a seguir, o referencial bibliográfico que alicerça a direção para essa abordagem.

3 Referencial Teórico

Sempre que há discussões a respeito da importância da leitura, tanto a vertente linguística como literária, expõem inúmeras vantagens para aqueles que têm acesso e se dedicam sistematicamente a essa prática, da mesma forma que atribuem diferentes significados para leitura.

Magda Soares (2017) apresenta a leitura como uma nova tecnologia que um indivíduo pode apropriar-se e para autonomia individual e social. Enquanto Koch e Elias (2021), no desenvolvimento de suas ideias sobre as concepções da leitura, enfatizam que esta prática é a apreensão de novas ideias. Por sua vez, mas não distante dos conceitos expostos até aqui, Tommasi (2006) diz que a leitura é uma forma que o indivíduo tem de inteirar-se do mundo e conquistar sua autonomia.

Ao refletir sobre os conceitos apresentados pelos diferentes autores, embora não sejam iguais, não há contradição, mas um complemento entre si. Como resultado desses conceitos pode-se dizer que a leitura é uma tecnologia que o indivíduo se apropria, e por meio dela amplia sua capacidade de compreensão e apreensão dos conhecimentos de mundo. Dessa forma, conquista uma independência e certo poder social.

Nessa perspectiva, quando a leitura é de textos literários, passa a ter uma função humanizadora. Em sua obra “Vários escritos”, Antônio Cândido (2011) enfatiza o direito à literatura justamente pelo seu poder humanizador, por satisfazer “a necessidade de conhecer os sentimentos e as sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles”. (CÂNDIDO, 2011, p.180). Em outras palavras, ele concorda que a literatura tem função de oferecer conhecimentos, mas não se limita a isto, pois ela auxilia o ser humano a refletir, conhecer, desenvolver empatia, equilíbrio emocional e até resolver problemas reais.

O crítico literário, acredita que a literatura ensina de duas maneiras: através do conhecimento latente e do conhecimento intencional. O conhecimento latente é adquirido durante a leitura quando o leitor conhece os personagens, os conflitos, desfechos que envolvem sentimentos bons e ruins, e o afetam diretamente, como se aquela história fosse real. Esse conhecimento vem implícito no texto.

Já o conhecimento intencional é quando o leitor seleciona e lê o texto com o objetivo de encontrar denúncias, críticas, ideias religiosas, éticas, morais, políticas e entre outros. É possível, por exemplo, ler Macunaíma e encontrar críticas sociopolíticas e religiosas no processo de formação da literatura nacional brasileira. Esse olhar, segundo Candido (2011) é a leitura de conhecimento intencional.

A literatura como ferramenta de humanização pode interferir na personalidade do leitor de forma inconsciente desde o momento que se tem acesso à literatura na infância.

a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (CÂNDIDO, 1988, p. 84)

O autor revela que a literatura humaniza por promover experiências ao seu leitor, sejam de cunho psíquicos ou morais, semelhantes aos que acontecem na realidade. O acesso ao texto literário afeta na formação da personalidade do leitor. Isso vai da organização das palavras no interior do texto, o mundo em que vive, até o suprimento de conhecer sentimentos não vivenciados e conhecer outras sociedades. “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo.” (Candido, 2011, p.179)

Em face disto é que trabalhar a literatura em sala de aula é indispensável. Pode-se pontuar em dois motivos; o primeiro é que a literatura é uma ferramenta de humanização do homem. Segundo é que os textos literários ainda não são de fácil acesso para todos, isso se dá em duas perspectivas: o acesso de algumas obras no formato físico. Em segunda perspectiva, o acesso cognitivo/ cultural. A literatura é um bem cultural privilegiado de difícil acessos para muitas comunidades.

Diante disso, ser consciente de que para trabalhar leituras de obras literárias em sala de aula, em muitas realidades, especialmente em escolas de cidades e bairros menos favorecidos, há muitos obstáculos a serem superados. Apesar de não ser o foco desta pesquisa, não se pode fazer esta discussão sem mencionar a ciência deste fato, pois conhecê-las será de fundamental importância para compreender algumas estratégias de facilitação de leitura como o uso dos fragmentos de textos.

Algumas dessas dificuldades não são desconhecidas, como o acesso a obras literárias físicas para cada aluno, a falta de espaço para realizar as leituras e as salas de aulas superlotadas. Assim como, adolescentes que não têm o hábito da leitura de gêneros textuais mais longos e distantes da sua data de nascimento. Outras são as distrações resultantes do hiper estímulo das redes sociais, como até mesmo, o não hábito ou desfamiliarização dos professores com as obras literárias que, muitas vezes, utilizam fragmentos de obras literárias nos livros didáticos na tentativa de facilitar a leitura do aluno diante de tantos desafios.

Considerações sobre a facilitação da leitura do aluno e o fazer do professor podem ser observadas nas palavras de Pietri (2007):

A facilitação da leitura, tal como a proporcionada pelos fragmentos de texto, em nada contribui para que o aluno, leitor em formação, se constitua um leitor proficiente. Um leitor proficiente sabe que, ao se deparar com uma dificuldade imposta pela leitura, não deve deixar o texto considerando-se incapaz de realizar sua atividade leitor. Ao contrário, um leitor proficiente sabe que ler é solucionar um conjunto de problemas que o texto oferece para sua compreensão e interpretação. E sabe também que o próprio texto pode contribuir para solucionar os problemas que lhes são apresentados, o que significa que a continuidade da leitura pode ajudar a elaborar hipóteses que ajudam na compreensão daquele que ainda não está conhecido. (PIETRI, 2007, p. 39)

Sobre o professor, Lajolo (2000) declara que o professor de Língua Portuguesa, na escola, é o principal mediador no ensino da linguagem e literatura. Por isso, mesmo que ele não goste de obras literárias, precisa estar familiarizado com elas e proporcionar aos seus alunos uma frequência na leitura de obras literárias, especialmente, da literatura nacional. Por sua vez, Pietri (2007) ainda afirma que “a mediação do professor é fundamental, portanto, para formação do leitor proficiente.” (p.53)

Ambos os autores, concordam acerca da mediação do professor. E Pietri (2007) complementa ao destacar a insuficiência do uso de fragmentos para a formação do aluno como leitor proficiente. Pois, o fragmento é muito diferente do texto original, geralmente, aparece descontextualizado, tanto da estrutura narrativa como da linguagem e imagem. Além disso, a tentativa de facilitar a leitura do aluno com fragmentos, não o estimulará a prosseguir com os textos literários, nem mesmo compreender integralmente a obra fragmentada.

O aluno, como alvo do processo de formação como leitor, precisa superar as dificuldades de compreensão e interpretação. Isso se dá por meio de outras leituras. Em consequência, este aluno alcançará cada vez mais autonomia para a leitura de obras literárias, das consideradas mais simples as mais complexas.

Apesar disso, não se pode excluir sumariamente o uso de fragmentos para a mediação de leitura em sala de aula, visto à realidade das escolas. Mas mudar o objetivo pelo qual se utiliza. Nesse caso, o uso de fragmento seria para apoio pedagógico e não para facilitar a leitura do aluno.

A leitura de um fragmento de romance em sala de aula, se feita de modo a suscitar objetivos, elaborar e verificar hipóteses, e apontar estratégias de leitura para a obra como um todo, mostra-se um instrumento muito importante para a formação do leitor e para o desenvolvimento do interesse pela leitura da obra. (PIETRI, 2007, p. 78-79).

Neste caso, nota-se que uma boa mediação do professor é imprescindível. Não simplesmente utilizar o fragmento para dizer que foi trabalhada a obra escolhida, mas utilizá-la com objetivo e foco claro, de maneira que estimule a leitura completa da obra. É pertinente destacar que o professor deve estar preparado para contextualizar, ao trabalhar, o fragmento

em sala de aula e desenvolver atividades que o auxiliem. Como, por exemplo, atividades para que os leitores levantem hipóteses, façam previsões e verifiquem.

Contudo, Pietri (2007), compreende a dificuldade do professor como mediador de um romance em espaço e tempo em sala de aula. Por esse motivo, durante toda discussão de seu livro “Práticas de leitura e elementos para a atuação docente” é possível considerar, primeiro, que a leitura integral de romance deve ser feita fora da sala de aula. Segundo, que o fragmento até pode ser utilizado em sala de aula, desde que bem mediado pelo professor, com seleções adequadas para incentivar a leitura integral do texto.

Por fim, uma terceira consideração é a ênfase na mediação do professor. A leitura de uma obra não deve ser realizada ou incentivada apenas para manusear o suporte do texto, mas para formar o leitor e ajudá-lo a construir a criticidade por meio das leituras de obras literárias. Em consequência disso, pode ser que nem todos os alunos sintam-se motivados a conhecer mais da literatura. Porém, este aluno não poderá dizer que nunca teve acesso a tais bens culturais, tampouco dizer que de alguma forma o contato com os textos literários não contribuiu em nada.

4 Resultados e discussão

4.1 A leitura literária no Ensino Médio

As estratégias de leitura que são propostas nestes resultados têm como fonte a obra “Práticas de leitura e elementos para atuação docente”, de Emerson de Pietri. Assim como, artigos dos últimos dez anos. Pois os desafios da leitura de obras literárias, especialmente, os romances, são inúmeros. Como aponta Pietri (2007), o professor como mediador muitas vezes utiliza os fragmentos de textos como método para facilitar a leitura do aluno. Mas isso, não se limita somente a resistência dos alunos, mas a tempo em sala de aula.

Outra resistência dos alunos é não gostar de ler obras de momentos passados. Freitas (2016) afirma que os jovens não têm acesso frequente a obras literárias, e quando isso acontece eles reclamam que não compreendem a extensão e vocabulário, bem como acham chato histórias antigas. Em consideração a afirmações dessa natureza dos adolescentes estudantes, surge em alguns professores o medo de iniciar trabalhos com leituras de romances das décadas passadas.

Lima e Coutinho (2023), declaram que “é comum encontrar estudantes que não demonstram interesse por leitura e conhecimentos de fatos que envolvem épocas passadas, fatos que estão atrelados ao ensino de literatura, que fazem menção a outras áreas do conhecimento” (p.91) No entanto, o que estes estudantes precisam compreender é que muitas dos textos literários antigos, sejam eles o gênero que for, dialogam com o presente.



Dessa forma, o Ensino Médio é uma etapa da Educação Básica que os alunos deveriam estar familiarizados com a leitura de obras literárias. Já que na Lei das Diretrizes e Bases da Educação (2020) diz que esta etapa final tem como finalidade consolidar e aprofundarem em conhecimentos adquiridos na etapa anterior. Como também, aprimorar o aluno como pessoa humana. E a literatura tem esse papel, como discutido por Candido (2011) anteriormente.

Considerando todos os questionamentos que perpassam pelas discussões sobre a prática pedagógica no Ensino Médio referente a leitura de obra literária, pode-se fazer algumas afirmações. A primeira é: facilitar a leitura do aluno não ajudará em sua formação como um leitor autônomo ou crítico. Pietri (2007) já asseverava isso, assim como Lima e Coutinho (2023) confirmam que “os livros didáticos expõem os fragmentos que, em muitos momentos, não relatam todo o contexto de fatos que se voltam para a política econômica e social, sociedade, proletariado etc.” (p.100).

Vale ressaltar que é normal que a leitura apresente problemas para que o leitor busque soluções, e nesse processo, construa sua autonomia e criticidade. Mas para que isso ocorra os estudantes precisam conhecer integralmente as obras, assim como os seus porquês. Tudo isso, de maneira que o faça refletir, julgar, analisar e formar suas opiniões.

Em segundo lugar, os professores precisam desenvolver um planejamento bem definido, com objetivos claros para trabalhar os gêneros literários, em especial, os romances, por serem gêneros maiores. Isso não significa que os professores nunca podem usar os fragmentos, mais que estes sejam utilizados com muita consciência e de forma que estimule o aluno a conhecer a obra integralmente, bem como conhecer outras obras.

Por fim, os alunos não se familiarizarem com o tempo das obras é uma clara falta do entendimento de que obras, consideradas por eles, antigas, podem tratar de questões bem atuais. Sendo assim, evidenciar para os alunos, como uma obra dialoga com a atualidade, pode transformar esse sentimento. Por exemplo, na leitura de Macunaíma, pode ser refletido com os alunos a busca de identidade na primeira fase do período Modernista e como essa busca explica a sociedade plural que é o Brasil hoje. Esse é o tipo de mediação que corresponde as expectativas LDB a respeito de consolidar, aprofundar e aprimorar os conhecimentos dos estudantes.

Contudo, isso não significa apenas responder questões, mas problematizar, mostrar caminhos, para que o aluno tenha condições de decidir por si. É nesse momento que se inclui a proposta deste trabalho: como a obra Macunaíma pode contribuir para a formação do leitor

no Ensino Médio, quando são utilizadas estratégias planejadas e lineares guiadas pelos documentos curriculares?

4.2 A escolha de Macunaíma: um herói sem nenhum caráter

A escolha desta obra justifica-se por corresponder ao que propõe a Base Nacional Comum Curricular, que é: a análise contextualizada da obra literária, a leitura do texto literário para formação do leitor literário e acesso a variados gêneros literários (Brasil, 2020). Isso também inclui o romance. Ainda se justifica esta escolha, porque a obra proporciona conhecer a formação da literária nacional atrelada a um momento muito importante para o Brasil, a busca pela sua identidade.

Macunaíma é uma das principais obras do Período Modernista, especialmente da primeira fase (Bosi, 2019). Pois ela apresenta importantes significados que estão relacionados a busca da identidade brasileira (Gurgel, 2009). O objetivo aqui não é fazer uma análise literária, mas de forma breve introduzir a relevância da obra modernista “Macunaíma” de maneira que fique compreendida a sua importância para o ensino.

Nesta obra artística, é explorada a identidade brasileira através de um personagem que se chama Macunaíma. Ele incorpora diversos aspectos da cultura nacional, como homem índio, negro e branco. Isto é, ele representa a miscigenação que há na nação brasileira e contribuíram para a sua formação como nação miscigenada e plural.

Por se tratar de uma produção literária em um período de ruptura com os ideais europeus, é possível perceber algumas dessas características na linguagem inovadora para a época, nas transformações étnicas que experiencia o personagem. Como também, as crenças religiosas, progresso social e tantas outras temáticas que podem contribuir positivamente para formação do aluno-leitor. A vista disso, o romance proposto possibilita:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2020, p. 481)

Ou seja, Macunaíma é uma produção literária que poderia ser muito bem aproveitada em sala de aula, especialmente, no Ensino Médio. Além disso, esta obra é curta e possui apenas dezessete capítulos que, inicialmente, são compostos por quatro a nove páginas e à medida que se aproxima do final, pelo menos, dois dos capítulos possuem onze páginas. Porém, parafraseando Jagher e Mello (2021), o professor precisa acompanhar a leitura do aluno e ser modelo de leitor.

4.3 A mediação docente e a construção do sentido

Um dos maiores desafios seja a mediação do professor com seus alunos. Lajolo (2000) diz que professores sempre se queixam de que seus alunos não gostam de ler e não leem, mas o professor também não. Quando a mediação é a leitura de um livro que o professor não gosta, fica ainda mais difícil o processo. No entanto, o que todo professor de Língua Portuguesa, neste contexto, precisa entender é que seus alunos precisam de Literatura, e na escola ele é fundamental para essa mediação.

Para Pietri (2007) “A mediação do professor é fundamental, portanto, para formar o leitor proficiente. Isso significa que, para o leitor ainda em formação, é preciso que os objetivos de leitura sejam estabelecidos pelo professor”. (Pietri, 2007, p. 53). Os estudantes do Ensino Médio, ainda são leitores em formação. Não se deve lhes propor a leitura de um livro e depois, apenas perguntar para desengano de consciência, se o livro foi lido.

Ou ainda, pedir para que os alunos formem grupos e cada grupo apresenta, um o contexto histórico da obra, outro resumo da obra, outro os pontos principais – apenas citados – e retirados de sites não tão confiáveis. Há ainda, algumas atividades para comprovar a leitura do livro, como a produção escrita de um resumo. Normalmente, a maioria dos alunos buscam ao filme para não “perder tempo” lendo a obra integralmente. O que Pietri (2007) quer dizer que os objetivos de leitura precisam ser estabelecidos pelo professor está estritamente relacionado ao planejamento, como será sugerido.

Macunaíma, apesar de ser uma obra riquíssima, não é uma leitura simples. Os alunos não compreenderam a leitura se não souberem do que se trata. Para Pietri (2007), Lajolo (2000) e Freitas (2016), a leitura de textos literários nas escolas ainda é apenas para conhecer as escolas literárias, conhecer a estrutura do material (o texto) e responder avaliações e exames como ENEM.

No entanto, eles não excluem o estudo do contexto histórico das obras literárias, apenas criticam limitar o texto a isso. Sabendo disso, antes que os alunos leiam Macunaíma eles precisam saber quando a obra foi produzida, o que motivou sua produção e conhecer quem foi Mário de Andrade. Esse é o momento em que o professor pode levantar hipóteses que desperte a curiosidade de seus alunos, “que contribuam para a realização da leitura do romance como um todo.” (Pietri, 2007, p.75)

Antes de propor aos alunos a leitura, o professor precisa planejar encontros frequentes e como eles ocorrerão. A proposta deste trabalho é que seja em sala de aula, pelo menos um horário por semana, dada as demandas curriculares. Para que isso ocorra, e imprescindível previamente incluir no planejamento objetivos específicos para cada capítulo. Bem como, os

métodos que serão utilizados e as atividades que auxiliarão na fixação das discussões. A ideia é construir um caminho que ajude o aluno ver o texto além da forma.

Por falta de espaço, apenas o primeiro capítulo será contemplado para apresentar estratégias a começar dos possíveis objetivos. Eles podem estar em torno da fala tardia de Macunaíma. Ou comparar suas características de herói com outros heróis e identificar o primeiro espaço de moradia do personagem.

Seguindo essa sequência de planejamento, deve ser traçado a abordagem em sala de aula. Não deve ser apenas uma pergunta dos que os alunos acharam e esperar qualquer resposta. Mas fazer perguntas específicas sobre a forma escrita, os personagens, o que puderam compreender. Por exemplo, perguntar quais palavras e expressões os alunos não compreenderam.

É muito comum nos clássicos da literatura nacional palavras ou expressões, que atualmente, estão em desuso ou não são muito comuns no dia a dia dos alunos, em sua maioria desestimulam o jovem leitor no interesse por iniciar a leitura da obra. Como rápido exemplo, foram extraídas dos dois primeiros parágrafos, do capítulo 1 de Macunaíma as palavras: *retinto, tapanhumas, sarapantas, maloca, paxiúba, jinguê, saúva, vintém, guaiamuns, mocambo* e a expressão *filho do medo da noite*.

Com isso, desafiar os alunos a produzir o próprio glossário previamente às aulas de leitura em sala é um meio de não o deixar distante da compreensão do texto selecionado. Nesse momento, o aluno tem a possibilidade de enriquecer seu vocabulário, e à medida que avança na leitura do texto perceber que aquela leitura está ajudando no desenvolvimento de seus conhecimentos linguísticos.

Sobre as perguntas, fazer dos próprios objetivos questionamentos podem deixar o aluno curioso e facilitar o diálogo sobre o capítulo lido, como Jagher e Mello (2021) defendem sobre essa mediação. Exemplo: Por que vocês acham que Macunaíma começou a falar após os seis anos de idade? Vocês acham que isso tem relação com a busca de identidade? Para o segundo objetivo, você acha que Macunaíma tem características de um herói? Por quê? E ainda, pelo que vocês leram, em que espaço vivia o personagem? O que mais chamou atenção de vocês neste primeiro capítulo?

Pietri (2007) afirma que um leitor proficiente busca outros textos para facilitar o texto lido que se encontra dificuldade. Com base nessa ideia, pode-se compreender que a utilização de outros gêneros textuais pode ajudar nessa formação de leitores podendo ser poesias, músicas, crônicas e outras. A ideia de Pietri (2007) dialoga com a BNCC ao trabalhar ao explorar variados gêneros textuais.

Dessa forma, a utilização da música “Índios”, de Legião Urbana pode ser ouvida e dialogada pelo professor e aluno, refletindo e associando com Macunaíma era retratado. Uma visão idealizada ou apagada. Além da música, pinturas, como a de Calvo Araújo, por exemplo, podem ser uma ferramenta para ajudar os jovens leitores visualizarem algo concreto a respeito do ambiente amazônico.

Essas não são todas as possibilidades de mediar a leitura de obra literária integralmente. Mas são estratégias possíveis, além de tantas outras que o professor pode se apropriar. Sempre tendo em mente que a leitura de uma obra não tem função de dar notas, de receber respostas exatas, de saber o ano em que a obra foi escrita, quem é o autor e o período literário que ela pertence. Todas essas informações são importantes, mas não é essa a função do texto literário. O texto literário, como afirma Candido (2011) tem função formadora e humanizadora.

4.4 Uma questão pedagógica: fragmento ou texto integral?

Embora houve ampla discussão sobre o não uso de fragmentos em detrimento da leitura de obras integral, neste tópico é pretendido demonstrar o que Pietri (2007) revela sobre os usos de fragmentos de obras literárias. Para isso será destacado um trecho do primeiro capítulo do livro de Macunaíma.

Cientes do tempo em sala de aula, é claro que a leitura da obra não será realizada totalmente em sala de aula (Pietri, 2007). E com a proposta de realizar toda leitura do livro de Macunaíma, pelo menos uma vez na semana, tanto professor como alunos precisaram revisitar algumas partes do capítulo. Principalmente os alunos durante as perguntas do professor.

As leituras de textos mais curtos como algumas poesias e contos, podem ser possíveis de serem lidas integralmente em sala de aula, mas

Em relação a um texto mais longo como o romance, a leitura de um fragmento de texto em sala de aula deve contribuir para a leitura da obra como um todo. Isso pode ser realizado com a elaboração de questões e a construção de hipóteses que sejam úteis para a compreensão de outras partes do texto. (PIETRI, 2007, p.73)

Quando Pietri (2007) diz que a utilização de fragmentos pode ser utilizada com elaboração de questões e construção de hipóteses, isso pressupõe planejamento. Ou seja, os fragmentos podem ser lidos em sala de aula eficazmente sob objetivos claros e planejamentos. Por exemplo, o que se pretende com o fragmento escolhido? Como será sua mediação? Entenda aqui a mediação como questões e hipóteses mencionadas na citação.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira

e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De noite continuou chorando. No outro dia esperou com o olho esquerdo dormindo que a mãe principiasse o trabalho. Então pediu pra ela que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membeca e levasse ele no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. (ANDRADE, 2004, p.12)

No fragmento em destaque cabe o objetivo de conhecer algumas características de Macunaíma. Para alcançar este objetivo, os alunos podem ser questionados se a expressão dá água de chocalho é conhecida de alguém e o que ela quer dizer? Caso os alunos não conheçam a expressão, isso não significa que os questionamentos falharam. Mas, representa uma oportunidade de ampliar o conhecimento dos leitores sobre ritos indígenas.

Em outra parte, Macunaíma pede a mãe para deixar de trabalhar. A questão que pode ser levantada é: por quê? Macunaíma é conhecido como alguém preguiçoso que fugia do trabalho e sua mãe é o oposto, cumpria sua responsabilidade. Neste caso, pressupondo que o capítulo foi lido pelos alunos com calma, e o fragmento destacado é utilizado em sala de aula, o diálogo pode ser mais profundo e reflexivo.

Dessa maneira, o uso de fragmento não é prejudicial, mas um excelente contribuinte para mediação das discussões da leitura. Observe que nesta situação não se utiliza a leitura do fragmento em detrimento da obra completa. Mas, o fragmento é utilizado como auxiliar para a leitura integral do texto motivando para que ela seja realizada efetivamente e contribua para construção de sentido.

5 Considerações finais

A leitura de textos literários tem como função principal humanizar o leitor. Infelizmente, ainda é muito comum a leitura de textos literários com o objetivo de ser aprovado em exames, se familiarizar com o suporte dos textos e conhecer superficialmente as escolas literárias. Além da má utilização de fragmentos utilizados como método de facilitação de leitura para os alunos que em nada contribuem para sua formação como leitor crítico e autônomo.

No entanto, é possível realizar a leitura integral de romances no Ensino Médio. Mas mediante a preparação do mediador em conhecer a obra previamente, criar objetivos e planos de abordagem. Assim como a seleção de outros textos que auxiliem os alunos a compreenderem a obra escolhida. Isso não desconsidera o fato de que a leitura de romances não seja desafiadora, dado a extensão do gênero e o desânimo dos adolescentes para a leitura de textos literários de décadas passadas.



Por esse motivo é que este assunto sempre precisa ser discutido e estratégias precisam ser apresentadas e adaptadas. Levando em consideração que as estratégias propostas, elas podem ser adotadas em escolas na qual todos falam Língua Portuguesa, e não são estratégias exclusivas para a mediação da leitura da obra de Macunaíma. Quer dizer, estas mesmas estratégias podem ser aplicadas a outros romances e até, adaptadas para mediação de outros gêneros literários.

Por fim, espera-se dessas estratégias criada a partir das teorias de Émerson De Pietre, proporcione um novo olhar para o professor de literatura ao trabalhar uma obra literária em sala de aula, para que em meio aos desafios consigam proporcionar aos seus alunos a leitura integral de clássicos nacionais. No intuito de, não só explorar mais das riquezas literárias nacionais, mas de estar sensibilizado com a história de onde vive. Ser cada vez mais humanizado e transformado pela literatura.

Além disso, que estratégias como as sugeridas nesse trabalho, proporcione o alcance de conhecimentos sociopolíticos, históricos e religiosos através da leitura de uma obra literária. E, esperançosamente, como bônus do resultado, desperte o crescimento do jovem leitor e o interesse pelos clássicos literários como leitura prazerosa e formadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, chegou sem nenhum caráter*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 54. ed. São Paulo: Cultrix, 2019.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. 7. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista do Professor de Literatura*, São Paulo, n. 10, p. 11-32, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5ª edição – Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- DE PIETRI, Émerson. *Práticas de leitura e elementos para atuação docente*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.



- FREITAS, Helen Josy Monteiro de. A leitura dos clássicos na sala de aula: uma prática possível. *Revista Práticas de Linguagem, Juiz de Fora*, v. 6, n. 1, p. 15–23, jan./jun. 2016.
- GURGEL, Luiza Kelly. *Ai... que preguiça! Uma análise dos “Brasis” de Macunaíma*. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 3, n. 1, p. 18 - 30, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1555>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- JAGGER, Cleide Maria; Mello, Claudio José de Almeida. Práticas de leitura literária na escola e a formação de leitores. *Claraboia*, v. 1, n. 1, p. 17–28, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/262>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 28. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas da professora*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 52-62.
- LIMA, Marilurdes Menezes de; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. O ensino de literatura: novas perspectivas de aprendizagem para leitura de textos literários no Ensino Médio. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 9, n. 7, p. 91–108, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i7.10457. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10457>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. Atual. por João Bosco Medeiros. São Paulo: Atlas, 2017.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- TOMMASI, Maria Helena Martins. *O que é leitura?*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2006.